

Economia -
Brasil

A confusão governamental

23 SET 1993

ESTADO DE SÃO PAULO

Não há mercado financeiro capaz de resistir à confusão criada pelo governo. Desde sexta-feira, o mercado está desorientado. Não se trata de defender aqueles que o Planalto chama de "especuladores", mas de alertar as autoridades do perigo de se favorecer a inflação e a evasão de capitais. O anúncio precipitado da unificação cambial, a confusão suscitada pela possível adoção de um redutor de preços e a alta da taxa de juros, justamente no momento em que o ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, anunciava que a inflação iria baixar, estabeleceram no mercado financeiro verdadeira balbúrdia, por não se conseguir entender as reais intenções do governo. Há semanas, a equipe econômica insistia em não apressar uma mudança da política enquanto não se reu-

nissem as condições de êxito (em clara referência ao equilíbrio das contas públicas). Agora, parece que se pretende criar situação que leve à adoção de medidas drásticas, fazendo pressões sobre o Congresso Nacional para forçá-lo a aceitar um tipo de política que não seja de "choque", dependendo do significado que se dê ao termo.

Pode parecer estranho que no momento em que a situação cambial, pelo menos aparentemente, se deteriorou, o governo favoreça uma queda no ágio, estimulando saídas de capitais. O que aumenta a confusão no mercado financeiro é o desejo do governo de reduzir o diferencial juro-câmbio, estabelecendo um juro cambial inferior ao monetário. Não será este, certamente, o meio adequado para sustar as remessas de dólares que se estão verificando.

Devem o Palácio do Planalto e a Esplanada dos Ministérios convencer-se de que a taxa de juros resulta, tanto do anúncio da inflação quanto da contenção de investimentos e consumo.

A taxa de juros, com efeito, não se refere à inflação passada, mas à expectativa da futura. Ora, como pode o governo, que teve a oportunidade de verificar uma ligeira queda na pressão inflacionária com a supressão do IPMF, deixar a impressão de que a inflação será ainda maior do que a prevista?

Se a retomada dos investimentos deve representar hoje o maior objetivo, como atingi-lo com juros reais tão elevados? Do mesmo mo-

do, como pode um governo, que pretende combater a inflação não por meio da recessão, justificar uma alta da taxa de juros que não somente eleva os preços à vista, como também inviabiliza o crédito ao consumo, ao torná-lo inacessível?

A política do Planalto é tão contraditória que ninguém entende o que pretende o governo

Na realidade, ninguém está entendendo o que pretende o Planalto com uma política em si tão contraditória. Sabe-se que a unificação do câmbio é exigência de uma política que, com uma ân-

cora cambial, necessitará de juros altos. Mas por que elevá-los tão cedo? Ninguém sabe explicar a decisão governamental. Não se incluiria nesse "ninguém" o próprio Planalto?